Dom Bosco com seus salesianos

Se com seus meninos Dom Bosco brincava alegremente para vê-los alegres e serenos, com seus salesianos revelava também em tom de brincadeira a estima que tinha por eles, o desejo de vê-los formar com ele uma grande família, pobre sim, mas confiante na Divina Providência, unida na fé e na caridade.

Os feudos de Dom Bosco

Em 1830, Margarida Occhiena, viúva de Francisco Bosco, fez a divisão dos bens herdados de seu marido entre seu enteado Antônio e seus dois filhos José e João. Consistia, entre outras coisas, de oito lotes de terra com prado, campo e vinhedo. Não sabemos nada exato sobre os critérios seguidos por Mamãe Margarida ao dividir a herança paterna entre os três. Entretanto, entre os lotes de terra havia um vinhedo próximo aos Becchi (em Bric dei Pin), um campo em Valcapone (ou Valcappone) e outro em Bacajan (ou Bacaiau). De qualquer forma, essas três terras constituem os “feudos” que Dom Bosco, às vezes, chamava por brincadeira de sua propriedade.

Os Becchi, como todos sabemos, são o humilde povoado do vilarejo onde Dom Bosco nasceu; Valcapone (ou Valcappone) era um local a leste do Colle, sob a Serra di Capriglio, mas no fundo do vale, na área conhecida como Sbaruau (= espantalho), porque era densamente arborizada, com algumas cabanas escondidas entre os galhos, que serviam como local de armazenamento para lavanderias e como refúgio para bandidos. Bacajan (ou Bacaiau) era um campo a leste do Colle, entre os lotes de Valcapone e Morialdo. Estes são os “feudos” de Dom Bosco!

As Memórias Biográficas dizem que, por algum tempo, Dom Bosco conferiu títulos de nobreza a seus colaboradores leigos. Assim, havia o Conde dos Becchi, o Marquês de Valcappone, o Barão de Bacaiau, isto é, os três terrenos que Dom Bosco devia conhecer como parte de sua herança. “Com esses títulos costumava chamar Rossi, Gastini, Enria, Pelazza, Buzzetti, não

só em casa, mas também fora, sobretudo quando viajava com alguns deles” (MB VIII, 198-199 – MB VIII, 231-232).

Entre esses “nobres” salesianos, sabemos com certeza que o conde dos Becchi (ou do Bricco del Pino) era José Rossi, o primeiro salesiano leigo, ou “Coadjutor”, que amava Dom Bosco como um filho muito afeiçoado e lhe foi fiel para sempre.

Um dia, Dom Bosco foi à estação de Porta Nova e José Rossi o acompanhou carregando sua mala. Eles chegaram quando o trem estava prestes a partir e os vagões estavam cheios de gente. Dom Bosco, não conseguindo encontrar um assento, voltou-se para Rossi e, em voz alta, disse-lhe:

– Oh, senhor conde, lamento que esteja tendo tanto trabalho por mim!

– Imagine, Dom Bosco, é uma honra para mim!

Alguns viajantes que estavam na janela, ao ouvirem aquelas palavras “Senhor Conde” e “Dom Bosco”, olharam uns para os outros com espanto e um deles gritou do vagão:

– Dom Bosco! Senhor Conde! Subam aqui; ainda há dois lugares!

– Mas eu não queria incomodá-los – respondeu Dom Bosco.

– Subam! É uma honra para nós. Vou retirar minhas malas; estarão à vontade!

E assim o “Conde dos Becchi” pôde entrar no trem com Dom Bosco e a mala.

As bombas e uma cabana

Dom Bosco viveu e morreu pobre. Para comer, ele se contentava com muito pouco. Até mesmo um copo de vinho já era demais para ele, e ele sistematicamente misturava com água.

“Muitas vezes se esquecia de beber por estar absorto em outros pensamentos, e cabia aos vizinhos de mesa completar-lhe o copo. Então, se o vinho era do bom, logo procurava água “para fazê-lo melhor”, dizia. E acrescentava sorrindo: ‘Renunciei ao mundo e ao demônio, mas não às pompas’, aludindo às bombas que tiram água dos poços” (MB IV, 191-192 – MBp IV, 181).

Até mesmo para as acomodações, sabemos como ele vivia. Em 12 de setembro de 1873, foi realizada a Conferência Geral dos Salesianos para reeleger um ecônomo e três conselheiros.

Naquela ocasião, Dom Bosco pronunciou palavras memoráveis e proféticas sobre o desenvolvimento da Congregação. Então, quando chegou a hora de falar sobre o Capítulo Superior, que a essa altura parecia precisar de uma residência adequada, ele disse, em meio à hilaridade universal: “Se fosse possível, eu gostaria de fazer no meio do pátio uma ‘söpanta’ (leia-se: supanta = barraca, abrigo), onde o Capítulo Superior pudesse ficar separado de todos os mortais. Como os membros deste Capítulo Superior têm o direito de continuar a viver nesta terra, ele poderá estar ora aqui, ora lá, nas diversas casas, segundo parecer melhor!” (MB X, 1061-1062 – MBp X, 888-889).

Otis, botis, pija tutis

Um jovem lhe perguntava um dia como ele conhecia o futuro e adivinhava tantos segredos. Respondeu-lhe:

– “Escute-me. A maneira é esta, e se explica com: Ótis, bótis, pija tútis. Sabe o que significam estas palavras? Preste atenção. São palavras gregas. E soletrando, repetiu: Ó-tis, bó-tis, pi-ja tú-tis. Entende?

– É um negócio complicado de entender!

– Também sei disso. Eu mesmo nunca quis revelar a ninguém o que significa essa epígrafe. E ninguém sabe mesmo. Nem nunca saberá. É conveniente não o revelar. Este é o grande segredo com que opero todas as coisas fora do comum. Com ele eu leio as consciências, e por meio dele revelam-se os mistérios. Mas se você é esperto, veja se pode entender alguma coisa.

E repetia aquelas quatro palavras, acentuando-as sucessivamente ao pronunciar cada uma delas. Passava o indicador na testa, sobre a boca, sobre o queixo, sobre o peito do jovem e acabava por dar-lhe, de improviso, um tapinha no rosto. O jovem ria, mas insistia:

– Mas, ao menos, traduza-me as quatro palavras em língua vulgar.

– Posso traduzi-las, mas não entenderá a tradução.

E, brincando, falava em dialeto piemontês:

– Quand ch’at dan ed bòte, pije tute (Quando lhe dão bofetadas, tome-as todas) (MB VI, 424 – MB VI, 401-402). E

queria dizer que, para se tornar santo, é preciso aceitar todos os sofrimentos que a vida nos reserva.

Protetor dos funileiros

Todos os anos, os jovens do Oratório de São Leão, em Marselha, faziam um passeio à casa do Sr. Olive, um generoso benfeitor dos Salesianos. Naquela ocasião, o pai e a mãe serviam os superiores à mesa, e seus filhos, os alunos.

Em 1884, o passeio aconteceu durante a estada de Dom Bosco em Marselha.

Enquanto os alunos estavam se divertindo nos jardins, o cozinheiro correu até a Madame Olive para lhe dizer:

– Madame, a panela de sopa para os meninos está vazando e não há como remediar a isso. Terão de ficar sem sopa!

A senhora, que tinha muita fé em Dom Bosco, teve uma ideia. Mandou chamar todos os jovens:

– “Escutem”, disse-lhes ela, “se quiserem comer a sopa, ajoelhem-se aqui e rezem uma oração a Dom Bosco para que a panela deixe de vazar”.

Eles obedeceram. A panela parou de vazar instantaneamente. Mas Dom Bosco, ao ouvir o fato, riu muito e disse:

– De agora em diante, chamarão Dom Bosco de patrono dos funileiros (MB XVII, 55-56).

Dom Bosco e a Igreja do Santo Sudário

O Santo Sudário de Turim, impropriamente chamado de “Santo Sudário” pelo costume francês de chamá-lo de “*Le Saint Suaire*”, era propriedade da Casa de Saboia desde 1463 e foi transferido de Chambery para a nova capital da Saboia em 1578.

Naquele mesmo ano, foi realizada a primeira Exposição, que Emanuel Filiberto quis fazer em homenagem ao Card. Carlos Borromeu, que veio a Turim em peregrinação para venerá-la.

Exposições no século XIX e o culto ao Sudário

No século XIX, as Exposições de 1815, 1842, 1868 e 1898 são particularmente dignas de nota: a primeira por ocasião do retorno da família de Saboia aos seus estados, a segunda no casamento de Vítor Emanuel II com Maria Adelaide de Habsburgo-Lorena, a terceira no casamento de Humberto I com Margarida de Saboia-Gênova e a quarta na Exposição Universal.

Os santos de Turim do século XIX, Cottolengo, Cafasso e Dom Bosco, eram devotos do Santo Sudário, imitando o exemplo do Beato Sebastião Valfré, o apóstolo de Turim durante o cerco de 1706.

As *Memórias Biográficas* nos asseguram que Dom Bosco o venerou especialmente na Exposição de 1842 e na de 1868, quando também levou os meninos do oratório para vê-lo (MBp II, 110-111; IX, 182).

Hoje, a tela de valor inestimável, doada por Umberto II de Saboia à Santa Sé, é confiada ao Arcebispo de Turim “Custódio Pontifício” e mantida na suntuosa Capela Guarini, atrás da Catedral.

Em Turim, há também, na Rua Piave, na esquina da Rua São Domingos, a *Igreja do Santo Sudário*, construída pela Confraria de mesmo nome e reconstruída em 1761. Adjacente à igreja está o “*Museu Sindonológico*” e a sede do Sodalício “*Cultores Sanctae Sindonis*” [*Cultores do Santo Sudário*], um centro de estudos sindonológicos para o qual fizeram valiosas contribuições estudiosos salesianos como o P. Natal Noguier de Malijay, o P. Antônio Tonelli, o P. Alberto Caviglia, o P. Pedro Scotti e, mais recentemente, o P. Pedro Rinaldi e o P. Luís Fossati, para citar apenas os principais.

A Igreja do Santo Sudário em Roma

Também existe uma [Igreja do Santo Sudário](#) em Roma,

ao longo da rua homônima que vai do Largo Argentina paralelamente à Avenida Vitória. Erguida em 1604 com um projeto de Carlos di Castellamonte, era a Igreja dos Piemonteses, Saboianos e Niceanos, construída pela Confraria do Santo Sudário que havia surgido em Roma naquela época. Depois de 1870, ela se tornou a igreja particular da Casa de Saboia.

Durante suas estadas em Roma, Dom Bosco celebrou a missa nessa igreja várias vezes e formulou um plano para ela e para a casa adjacente, de acordo com o propósito da então extinta Confraria, dedicada a obras de caridade para jovens abandonados, doentes e prisioneiros.

A Confraria havia deixado de funcionar no início do século e a propriedade e a administração da igreja haviam passado para a Delegação Sarda junto à Santa Sé. Na década de 1860, a igreja estava precisando de grandes reformas, tanto que em 1868 foi temporariamente fechada.

Mas, já em 1867, Dom Bosco teve a ideia de propor ao governo da Saboia que lhe entregasse o uso e a administração da igreja, oferecendo sua colaboração em dinheiro para concluir o trabalho de restauração. Talvez ele tenha previsto a entrada das tropas piemontesas em Roma, não muito distante, e, desejando abrir uma casa lá, pensou em fazê-lo antes que a situação se precipitasse, tornando mais difícil obter a aprovação da Santa Sé e o respeito do Estado pelos acordos (MBp IX, 461-462).

Ele então apresentou o pedido ao governo. Em 1869, durante uma escala em Florença, ele preparou uma minuta de acordo que, ao chegar a Roma, apresentou a Pio IX. Depois de obter seu consentimento, ele passou para a solicitação oficial ao Ministério das Relações Exteriores, mas, infelizmente, a ocupação de Roma acabou prejudicando todo o caso. O próprio Dom Bosco percebeu a inadequação de insistir. Assumir, de fato, naquela época, a oficialização de uma igreja romana pertencente à Casa da Saboia por uma Congregação religiosa com sua Casa Mãe em Turim, poderia ter parecido um ato de oportunismo e servilismo em relação ao novo Governo.

Em 1874, Dom Bosco testou novamente o terreno com o governo. Mas, infelizmente, as notícias intempestivas que vazaram dos jornais interromperam definitivamente o projeto (MBp X, 1041-1042).

Gostaríamos, porém, de recordar o fato de que Dom Bosco, ao procurar uma oportunidade favorável para abrir uma casa em Roma, pôs os olhos na Igreja do Santo Sudário.

Dom Bosco e os títulos de Nossa Senhora

A devoção mariana de Dom Bosco nasce de uma relação filial e viva com a presença materna de Maria, experimentada em todas as fases de sua vida. Desde os pilares votivos erguidos durante a infância em Becchi, passando pelas imagens veneradas em Chieri e Turim, até as peregrinações realizadas com seus meninos aos santuários do Piemonte e da Ligúria, cada etapa revela um título diferente da Virgem – Consolata, Dolorosa, Imaculada, Nossa Senhora das Graças e muitos outros – que fala aos fiéis de proteção, conforto e esperança. O título que definiria para sempre sua veneração, no entanto, foi “Maria Auxiliadora”: foi a própria Nossa Senhora, segundo a tradição salesiana, quem o indicou. Em 8 de dezembro de 1862, Dom Bosco confidenciou ao clérigo Giovanni Cagliero: “Até agora”, acrescentou, “celebramos com solenidade e pompa a festa da Imaculada, e neste dia foram iniciadas as primeiras obras de nossos oratórios festivos. Mas Nossa Senhora quer que a honremos sob o título de Maria Auxiliadora: os tempos são tão tristes que realmente precisamos que a Santíssima Virgem nos ajude a conservar e defender a fé cristã.” (MB VII, 334)

Os títulos marianos

Escrever hoje um artigo sobre os “títulos marianos” sob os quais Dom Bosco venerou a Santíssima Virgem durante a sua vida pode parecer fora de lugar. Alguém, de fato, poderia dizer: Nossa Senhora não é uma só? Para que servem tantos títulos se não para criar confusão? E então, afinal de contas, a Nossa Senhora de Dom Bosco não é Maria Auxiliadora?

Deixando para os especialistas as reflexões mais profundas que justificam esses títulos do ponto de vista histórico, teológico e devocional, vamos nos contentar com uma passagem da “Lumen Gentium”, o documento sobre a Igreja do Concílio Vaticano II, que nos tranquiliza, lembrando-nos de que Maria é nossa mãe e que “com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. *Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de Advogada, Auxiliadora, Socorro, Medianeira*” (Lumen Gentium 62).

Esses quatro títulos admitidos pelo Concílio, bem considerados, englobam em síntese toda uma série de títulos e invocações com os quais o povo cristão chamou Maria, títulos que fizeram Alexandre Manzoni exclamar:

«O Vergine, o Signora, o Tuttasanta, che bei nomi ti serba ogni loquela: più d'un popol superbo esser si vanta in tua gentil tutela» (de “*Il nome di Maria*”). [Ó Virgem, ó Senhora, ó Santíssima, toda oração te reserva grandes nomes. Muitos povos se gloriam orgulhosamente de serem guardados sob a tua proteção] (de “*O Nome de Maria*”).

A própria Liturgia da Igreja parece entender e justificar os louvores que o povo cristão eleva a Maria, quando pergunta: “Como cantaremos teus louvores, Santa Virgem Maria?”.

Portanto, deixemos as dúvidas de lado e vejamos quais títulos marianos eram caros a Dom Bosco, antes mesmo que ele difundisse o de Maria Auxiliadora em todo o mundo.

Em sua juventude

As edículas ou ermidas sagradas espalhadas pelas ruas das cidades em muitas partes da Itália, as capelas e os pilares rurais encontrados nos cruzamentos de estradas ou na entrada de estradas particulares em nossas terras constituem um patrimônio de fé popular que até hoje o tempo não apagou. Seria uma tarefa árdua calcular exatamente quantas podem ser encontradas nas estradas do Piemonte. Somente na área de “Becchi-Morialdo” há cerca de vinte, e nada menos que quinze na área de Capriglio.

Em sua maioria, são pilares votivos herdados dos antigos e restaurados várias vezes. Há também os mais recentes que documentam uma piedade que não desapareceu.

O pilar mais antigo da região de Becchi parece datar de 1700. Foi erguido no fundo da “planície” em direção ao *Mainito*, onde as famílias que viviam na antiga “*Scaiota*”, mais tarde uma propriedade rural salesiana, agora em reforma, costumavam se reunir.

Esse é o pilar da Consolata, com uma pequena estátua da Virgem Consoladora dos Aflitos, sempre homenageada com flores do campo trazidas pelos devotos.

Joãozinho Bosco deve ter passado por esse pilar muitas vezes, tirando o chapéu, talvez dobrando o joelho e murmurando uma Ave Maria, como sua mãe lhe ensinara.

Em 1958, os salesianos reformaram o velho pilar e, com um solene serviço religioso, o inauguraram para um renovado culto da comunidade e da população.

Aquela pequena estátua da Consolata poderia ter sido a primeira efígie de Maria que Dom Bosco venerou ao ar livre durante sua vida.

Na antiga casa

Sem mencionar as igrejas de Morialdo e Capriglio, não sabemos exatamente quais imagens religiosas estavam penduradas nas paredes da propriedade Biglione ou da “Casetta” de Dom Bosco. Sabemos que mais tarde, na casa de José, quando Dom Bosco foi se hospedar lá, pôde ver dois quadros antigos

nas paredes de seu quarto, um da Sagrada Família e outro de Nossa Senhora dos Anjos. Assim assegurou a Irmã Eulália Bosco. Onde José as conseguiu? Será que João as viu quando era menino? O da Sagrada Família ainda está em exibição hoje no quarto do meio, no primeiro andar da casa de José. Mostra São José sentado em sua mesa de trabalho, com o Menino nos braços, enquanto Nossa Senhora, de pé do outro lado, observa.

Sabemos também que na propriedade Moglia, perto de Moncucco, Joãozinho costumava fazer as orações e rezar o rosário com a família dos proprietários em frente de um pequeno quadro de Nossa Senhora das Dores, que ainda é mantido nos Becchi no primeiro andar da casa de José, no quarto de Dom Bosco, acima da cabeceira da cama. Ele está muito enegrecido, com uma moldura preta contornada em ouro na parte interna.

Em Castelnuovo, Joãozinho tinha ocasiões frequentes de ir à Igreja de Nossa Senhora do Castelo para rezar à Santíssima Virgem. Na Festa da Assunção, os habitantes do vilarejo levavam a estátua de Nossa Senhora em procissão. Nem todo mundo sabe que essa estátua, assim como o quadro do ícone no altar-mor, representam Nossa Senhora da Correia, a dos Agostinianos.

Em Chieri, o estudante e clérigo seminarista João Bosco rezou muitas vezes no altar de Nossa Senhora das Graças na Catedral de Santa Maria da Escada, no do Santo Rosário na Igreja de São Domingos e diante da Imaculada Conceição na capela do Seminário.

Assim, em sua juventude, Dom Bosco teve a oportunidade de venerar Maria Santíssima sob os títulos de Consolata, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora do Rosário e Imaculada.

Em Turim

Em Turim, João Bosco já havia ido à Igreja de Nossa Senhora dos Anjos para fazer o exame de admissão à Ordem Franciscana em 1834. Voltou lá várias vezes para fazer os Exercícios Espirituais, em preparação para as Ordens Sagradas, na Igreja da Visitação, e recebeu as Ordens Sagradas na Igreja

da Imaculada Conceição, na Cúria Arquiepiscopal.

Quando chegava ao Colégio Eclesiástico, certamente rezava com frequência diante da imagem da Anunciação, na primeira capela à direita, na Igreja de São Francisco de Assis. A caminho da Catedral entrando, como é costume ainda hoje, pelo portal da direita, quantas vezes ele parou por um momento em frente à antiga estátua de Nossa Senhora das Graças, conhecida pelos antigos turinenses como “La Madòna Granda”.

Se pensarmos, então, nas caminhadas de peregrinação que Dom Bosco costumava fazer com seus meninos de Valdocco aos santuários marianos de Turim nos dias do Oratório itinerante, podemos nos lembrar, em primeiro lugar, do Santuário da Consolata, o coração religioso de Turim, cheio de lembranças do primeiro Oratório. Dom Bosco levou muitas vezes os seus jovens à “Consolata”. Ele mesmo recorreu à “Consolata”, em lágrimas, quando da morte de sua mãe.

Mas não podemos nos esquecer dos passeios pela cidade a Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora da Campanha, no Monte dos Capuchinhos, à Igreja da Natividade em Pozzo Strada, à Igreja das Graças em Crocetta.

A viagem de peregrinação mais espetacular daqueles primeiros anos do Oratório foi a Nossa Senhora de Superga. Essa monumental igreja dedicada à Natividade de Maria lembrou aos jovens de Dom Bosco que a Mãe de Deus é “como uma aurora que surge”, um prelúdio da vinda de Cristo.

Assim, Dom Bosco fez com que seus meninos vivenciassem os mistérios da vida de Maria por meio de seus mais belos títulos.

Nos passeios de outono

Em 1850, Dom Bosco inaugurou os passeios “ao ar livre”, primeiro nos Becchi e arredores, depois nas colinas de Monferrato até Casale, de Alexandria até Tortona e na Ligúria até Gênova.

Nos primeiros anos, seu destino principal, se não exclusivo, era os Becchi e arredores, onde celebrava a festa do Rosário com solenidade na pequena capela erguida no andar térreo da

casa de seu irmão José em 1848.

Os anos de 1857 a 1864 foram os anos dourados das caminhadas de outono, e os meninos participavam delas em grupos cada vez maiores, entrando nos vilarejos com a banda de música à frente, recebidos festivamente pelo povo e pelos párocos locais. Eles descansavam em celeiros, comiam refeições frugais de camponeses, realizavam cultos devotos nas igrejas e, à noite, faziam apresentações em um palco improvisado.

Em 1857, o destino da peregrinação foi *Santa Maria di Vezzolano*, um santuário e abadia muito queridos por Dom Bosco, localizados abaixo do vilarejo de Albugnano, a 5 km de Castelnuovo.

Em 1861, foi a vez do *santuário de Crea*, famoso em todo o Monferrato. Naquela mesma viagem, Dom Bosco levou novamente os meninos a Nossa Senhora do Poço, em São Salvador.

Em 14 de agosto de 1862, de Vignale, onde se encontravam os jovens, Dom Bosco conduziu o alegre grupo em uma peregrinação ao santuário de *Nossa Senhora das Graças*, em Casorzo. Poucos dias depois, em 18 de outubro, antes de deixarem *Alexandria*, foram novamente à catedral para rezar a *Nossa Senhora da Salve (Rainha)*, venerada com tanta piedade pelos alexandrinos, para obter uma feliz conclusão de seu passeio.

Também na última caminhada de 1864 em Gênova, no caminho de volta, entre Serravalle e Mornese, um grupo liderado pelo P. Cagliero fez uma devota peregrinação ao santuário de *Nossa Senhora da Guarda*, em Gavi.

Esses passeios de peregrinação retomavam os vestígios de uma religiosidade popular característica de nosso povo; eram a expressão de uma devoção mariana, que João Bosco havia aprendido com sua mãe.

E mais ainda...

Nos anos de 1860, o título de Maria Auxiliadora começou a dominar a mente e o coração de Dom Bosco, com a construção da igreja com a qual ele sonhava desde 1844 e que se tornou o centro espiritual de Valdocco, a igreja-mãe da Família Salesiana, o ponto de irradiação da devoção a Nossa

Senhora, invocada sob esse título.

Mas as peregrinações marianas de Dom Bosco não cessaram por causa disso. Basta segui-lo em suas longas viagens pela Itália e pela França para ver com que frequência ele aproveitava a oportunidade para uma visita rápida ao santuário da Virgem do lugar.

De Nossa Senhora de Oropa, no Piemonte, a Nossa Senhora do Milagre, em Roma; de Nossa Senhora do Boschetto, em Camogli, a Nossa Senhora de Gennazzano; de Nossa Senhora do Fogo, em Forlì, a Nossa Senhora do Olmo, em Cuneo; de Nossa Senhora da Boa Esperança, em Bigione, a Nossa Senhora das Vitórias, em Paris.

Nossa Senhora das Vitórias, colocada em um nicho dourado, é uma rainha de pé, segurando seu Filho Divino com as duas mãos. Jesus tem seus pés apoiados na bola estrelada que representa o mundo.

Diante dessa Rainha das Vitórias em Paris, Dom Bosco fez um “sermão de caridade” em 1883, ou seja, uma dessas conferências para obter ajuda para suas obras de caridade para jovens pobres e abandonados. Foi sua primeira conferência na capital francesa, no santuário que é para os parisienses o que o santuário da Consolata é para o povo de Turim.

Esse foi o ponto culminante das andanças marianas de Dom Bosco, que começaram aos pés da coluna da Consolata, sob a “Scaiota” dos Becchi.

São Domingos Sávio. Os lugares da infância

São Domingos Sávio, o “pequeno grande santo”, viveu sua breve mas intensa infância entre as colinas do Piemonte, em lugares hoje repletos de memória e espiritualidade. Por ocasião de sua

beatificação em 1950, a figura deste jovem discípulo de Dom Bosco foi celebrada como símbolo de pureza, fé e dedicação evangélica. Percorremos os principais lugares de sua infância – Riva presso Chieri, Morialdo e Mondonio – através de testemunhos históricos e relatos vívidos, revelando o ambiente familiar, escolar e espiritual que forjou seu caminho rumo à santidade.

O Ano Santo de 1950 foi também o da beatificação de Domingos Sávio, que ocorreu em 5 de março. O discípulo de Dom Bosco, de 15 anos de idade, foi o primeiro santo leigo “confessor” a subir aos altares em uma idade tão jovem.

Naquele dia, a Basílica de São Pedro estava repleta de jovens que deram testemunho, com sua presença em Roma, de uma juventude cristã totalmente aberta aos ideais mais sublimes do Evangelho. Segundo a Rádio Vaticana, a Basílica se transformou em um imenso e barulhento oratório salesiano. Quando o véu que cobria a figura do novo Beato caiu dos raios de Bernini, um aplauso frenético se elevou de toda a basílica e o eco chegou até a praça, onde a tapeçaria que representava o Beato foi descoberta na “Loggia” [balcão] das Bênçãos.

Naquele dia, o sistema educativo de Dom Bosco recebeu seu maior reconhecimento. Quisemos revisitar os lugares da infância de Domingos, depois de reler as informações detalhadas do P. Miguel Molineris naquela *Nova Vida de Domingos Sávio*, na qual ele descreve com a sua conhecida seriedade de documentação o que as biografias de São Domingos Sávio não dizem.

Em Riva perto de Chieri

Em primeiro lugar, estamos em [São João de Riva perto de Chieri](#), o vilarejo onde nosso “pequeno grande santo” nasceu em 2 de abril de 1842, filho de Carlos Sávio e Brígida Gaiato, o segundo de dez filhos, herdando do primeiro, que sobreviveu apenas 15 dias após seu nascimento, seu nome e seu direito de primogenitura.

Seu pai, como sabemos, veio de Ranello, um vilarejo de Castelnuovo d'Asti, e quando jovem foi morar com seu tio Carlos, um ferreiro em Mondonio, em uma casa na atual Rua Junípero, no número 1, ainda chamada de "ca dèlfré" ou casa do ferreiro. Lá, com o "Barba Carlòto" [Tio Carlòto"], ele aprendeu o ofício. Algum tempo depois de seu casamento, contraído em 2 de março de 1840, ele se tornou independente, mudando-se para a casa dos Gastaldi em São João de Riva. Ele alugou uma acomodação com cômodos no andar térreo adequados para uma cozinha, depósito e oficina, e quartos no primeiro andar, acessíveis por uma escada externa que agora desapareceu.

Os herdeiros de Gastaldi venderam a casinha e o rancho adjacente para os salesianos em 1978. E hoje um moderno centro de acolhida juvenil, administrado por ex-alunos e cooperadores salesianos, dá memória e nova vida à pequena casa onde Domingos nasceu.

Em Morialdo

Em novembro de 1843, ou seja, quando Domingos ainda não tinha completado dois anos de idade, a família Sávio, por motivos de trabalho, mudou-se para [Morialdo](#), o vilarejo de Castelnuovo ligado ao nome de São João Bosco, que nasceu na propriedade Biglione, um vilarejo no distrito de Becchi.

Em Morialdo, os Sávio alugaram alguns quartos pequenos perto da varanda de entrada da propriedade de Joana Viale, que havia se casado com Estêvão Persoglio. Mais tarde, todo o campo foi vendido por seu filho, Alberto Persoglio, para José Pianta e família.

Atualmente, esse terreno também é, em sua maior parte, propriedade dos salesianos que, depois de restaurá-la, a utilizam para encontros de crianças e adolescentes e para visitas de peregrinos. A menos de 2 km do Colle Don Bosco, ela está situada em um ambiente campestre, em meio a parreirais, campos férteis e prados ondulantes, com um ar de alegria na primavera e nostalgia no outono, quando as folhas amareladas

são douradas pelos raios do sol, com um panorama encantador em dias bonitos, quando a cadeia dos Alpes se estende no horizonte desde o pico do Monte Rosa, perto de Albugnano, até o Gran Paradiso, Rocciamelone e Monviso, é realmente um lugar para se visitar e usar em dias de intensa vida espiritual, uma escola de santidade no estilo de Dom Bosco.

A família Sávio permaneceu em Morialdo até fevereiro de 1853, ou seja, por nove anos e três meses. Domingos, que viveu apenas 14 anos e 11 meses, passou quase dois terços de sua curta existência lá. Portanto, ele pode ser considerado não apenas o aluno e filho espiritual de Dom Bosco, mas também seu conterrâneo.

Em Mondonio

O P. Molineris sugere a razão de a família Sávio ter deixado Morialdo. Seu tio, o ferreiro, havia morrido e o pai de Domingos poderia herdar não apenas as ferramentas do ofício, mas também a clientela em Mondonio. Esse foi provavelmente o motivo da mudança, que ocorreu, no entanto, não para a casa na Rua Junípero, mas para a parte baixa da vila, onde alugaram dos irmãos Bertello a primeira casa à esquerda da rua principal da vila. A pequena casa consistia, e é assim ainda hoje, em um andar térreo com dois cômodos, adaptados como cozinha e sala de trabalho, e um andar superior, acima da cozinha, com dois quartos e espaço suficiente para uma oficina com uma porta na rampa da rua.

Sabemos que o Sr. e a Sra. Sávio tiveram dez filhos, três dos quais morreram muito jovens e outros três, incluindo o nosso, não chegaram a completar 15 anos de idade. A mãe morreu em 1871, aos 51 anos de idade. O pai, ficando sozinho em casa com o filho João, depois de ter acolhido as três filhas sobreviventes, pediu hospitalidade a Dom Bosco em 1879 e morreu em Valdocco em 16 de dezembro de 1891.

Domingos havia entrado em Valdocco aos 29 de outubro de 1854, permanecendo lá, exceto por curtos períodos de férias, até 1º de março de 1857. Ele morreu oito dias depois em [Mondonio](#), no pequeno quarto ao lado da cozinha, em 9

de março daquele ano. Sua permanência em Mondonio foi, portanto, de cerca de 20 meses no total, e em Valdocco, de 2 anos e 4 meses.

Lembranças de Morialdo

A partir dessa breve análise das três casas da família Sávio, fica claro que a de Morialdo deve ser a mais rica em lembranças. São João de Riva lembra o nascimento de Domingos, e Mondonio um ano na escola e de sua santa morte; mas Morialdo lembra sua vida na família, na igreja e na escola. Quantas coisas “*Minòt*”, como era chamado lá, deve ter ouvido, visto e aprendido com seu pai e sua mãe, quanta fé e amor ele demonstrou na pequena igreja de São Pedro, quanta inteligência e bondade na escola do P. João Zucca, e quanta diversão e vivacidade no parquinho com seus companheiros da vila.

Foi em Morialdo que Domingos Sávio se preparou para a Primeira Comunhão, que ele fez na igreja paroquial de Castelnuovo em 8 de abril de 1849. Foi lá, quando tinha apenas 7 anos de idade, que ele escreveu as “Lembranças”, ou seja, os propósitos de sua Primeira Comunhão:

1. Irei me confessar com muita frequência e comungarei sempre que o confessor me der permissão;
2. Quero santificar os dias de festa;
3. Meus amigos serão Jesus e Maria;
4. A morte, mas não os pecados.

Lembranças que foram o guia de suas ações até o fim de sua vida.

O comportamento, a maneira de pensar e de agir de um menino refletem o ambiente em que ele viveu e, especialmente, a família em que passou a infância. Portanto, para entender algo sobre Domingos, é sempre bom refletir sobre sua vida naquela propriedade de Morialdo.

A família

Sua família não era de agricultores. Seu pai era ferreiro e sua mãe costureira. Seus pais não eram de

constituição robusta. Os sinais de cansaço podiam ser vistos no rosto de seu pai, enquanto a delicadeza das linhas distinguia o rosto de sua mãe. O pai de Domingos era um homem de iniciativa e coragem. Sua mãe veio da não muito distante Cerreto d’Asti, onde mantinha uma oficina de costura “e, com sua habilidade, livrava aqueles habitantes da chateação de descer ao vale para comprar tecidos”. E ela ainda era costureira em Morialdo também. Será que Dom Bosco sabia disso? Curioso, porém, o seu diálogo com o pequeno Domingos, que tinha ido procurá-lo nos Becchi:

– *Bem, o que você acha?*

– *Eh, parece-me que seja um bom tecido (em piem.: Eh, m’a smia ch’a-j’sia bon-a stòfa!).*

– *Para que pode servir esse tecido?*

– *Para fazer uma linda roupa para oferecer ao Senhor.*

– *Então, eu sou o tecido: o senhor seja o alfaiate; leve-me consigo (em piem.: ch’èmpija ansema a chiel) e fará uma bela roupa para o Senhor” (OE XI, 185).*

Um diálogo inestimável entre dois conterrâneos que se entenderam à primeira vista. E a linguagem deles era perfeita para o filho da costureira.

Quando sua mãe morreu, em 14 de julho de 1871, o pároco de Mondonio, P. João Pastrone, dizia às filhas chorosas para consolá-las: “Não chorem, porque a mãe de vocês era uma mulher santa; e agora ela já está no Paraíso”.

Seu filho Domingos, que a precedeu no céu por vários anos, também disse a ela e a seu pai, antes de falecer: “Não chorem, já vejo o Senhor e Nossa Senhora de braços abertos esperando por mim”. Essas suas últimas palavras, testemunhadas por sua vizinha Anastácia Molino, que estava presente no momento de sua morte, foram o selo de uma vida alegre, o sinal manifesto daquela santidade que a Igreja reconheceu solenemente em 5 de março de 1950, dando-lhe mais tarde a confirmação definitiva em 12 de junho de 1954 com sua canonização.

Foto na página de rosto. A casa onde Domingos morreu em 1857. É uma construção de tipo rural, datada provavelmente do final de 1600. Reconstruída sobre outra casa ainda mais antiga, é um dos monumentos mais queridos pelos Mondonienses.

A “boa noite”

Certa noite, Dom Bosco, entristecido por uma certa indisciplina geral que se notava no Oratório de Valdocco entre os meninos, veio, como de costume, dizer-lhes algumas palavras depois da oração da noite. Ficou por um momento em silêncio sobre o pequeno estrado no canto das arcadas, onde costumava dar aos jovens a chamada “*boa noite*”, que consistia em um breve sermão noturno. Olhando em volta, ele disse:

– Não estou contente com vocês. Isso é tudo o que posso dizer esta noite!

E desceu do estrado, escondendo as mãos nas mangas da batina, para não permitir que fossem beijadas, como os jovens costumavam fazer antes de ir descansar. Em seguida, subiu lentamente as escadas até seu quarto sem dizer uma palavra a ninguém. Esse seu jeito produziu um efeito mágico. Ouviram-se alguns soluços reprimidos entre os jovens, muitos rostos se encheram de lágrimas e todos foram dormir pensativos, convencidos de que haviam desgostado não só a Dom Bosco, mas também ao Senhor (MB IV, 565 – MBp IV, 505).

O toque da noite

O salesiano P. João Gnolfo, em seu estudo: “A boa noite” de Dom Bosco, destaca que a manhã é o despertar da vida e da atividade, a noite, ao contrário, é adequada para semear na mente dos jovens uma ideia que germina neles também durante o sono. E, com uma comparação ousada, ele até mesmo se refere ao “som da noite” de Dante:

*Já era a hora que transforma o desejo
aos marinheiros e amolece o coração...*

É justamente na hora da oração noturna que Alighieri descreve, de fato, no oitavo Canto do “Purgatório”, os Reis em um pequeno vale enquanto cantam o hino da Liturgia das Horas *Te lucis ante terminum...* (Antes que a luz termine, ó Deus, nós Te buscamos, para que Tu nos guardes).

Momento querido e sublime o da “Boa noite” de Dom Bosco! Começava com louvores e orações noturnas e terminava com suas palavras que abriam o coração de seus filhos à reflexão, à alegria e à esperança. Ele realmente se importava com aquele encontro noturno com toda a comunidade de Valdocco. O P. J. B. Lemoyne atribui sua origem à Mãe Margarida. A boa mãe, ao colocar na cama o primeiro menino órfão que veio de Val Sesia, fez algumas recomendações a ele. Daí derivaria, nos colégios salesianos, o belo costume de dirigir breves palavras aos jovens antes de mandá-los descansar (MB III, 208-209 – MBp III, 165). O P. E. Ceria, citando as palavras do Santo ao recordar os primeiros tempos do Oratório – “Comecei a fazer um sermão muito breve à noite, depois das orações” (MO, 205 – MOp, 202) –, pensa antes em uma iniciativa direta de Dom Bosco. No entanto, se o P. Lemoyne aceitou a ideia de alguns dos primeiros discípulos, foi porque pensava que a “Boa Noite” de Mãe Margarida cumpria emblematicamente o propósito de Dom Bosco ao introduzir esse costume (Anais III, 857).

Características da “Boa Noite”

Uma característica da “Boa Noite” de Dom Bosco era o tema que ele abordava: um fato atual que impressionava, algo concreto que criava *suspense* e também permitia perguntas dos ouvintes. Às vezes, ele mesmo fazia perguntas, estabelecendo assim um diálogo muito atraente para todos.

Outras características eram a variedade de tópicos abordados e a brevidade do discurso para evitar a monotonia e o conseqüente tédio dos ouvintes. Entretanto, Dom Bosco nem sempre era breve, especialmente quando contava seus famosos sonhos ou as viagens que havia feito. Mas geralmente era um

discurso de apenas alguns minutos.

Em suma, não eram sermões nem lições escolares, mas breves palavras afetuosas que o bom pai dirigia aos filhos antes de mandá-los descansar.

As exceções à regra causavam, é claro, uma enorme impressão, como aconteceu na noite de 16 de setembro de 1867. Depois que os superiores tentaram todos os meios de correção, alguns meninos se mostraram incorrigíveis e eram um escândalo para seus companheiros.

Dom Bosco ocupou o pequeno estrado. Começou citando a passagem do Evangelho em que o Divino Salvador pronuncia palavras terríveis contra aqueles que escandalizam os meninos. Recordou as sérias admoestações que havia feito repetidamente àqueles escandalosos, os benefícios que haviam obtido no colégio, o amor paterno com que haviam sido cercados, e depois continuou:

“Eles acham que não são conhecidos, mas eu sei quem são e poderia citá-los em público. Se eu não os nomear, não pensem que não estou plenamente ciente deles... Que se eu quisesse nomeá-los, poderia dizer: É você, ou A... (e falou o nome e o sobrenome) um lobo que ronda entre seus companheiros e os afasta dos superiores ridicularizando seus avisos... É você, ó B..., um ladrão que, com seus discursos, mancha a inocência dos outros... É você, ó C..., um assassino que com certas notas, com certos livros, arranca seus filhos do lado de Maria... Você ou D... é um demônio que estraga seus companheiros e os impede de frequentar os Sacramentos com suas provocações...”.

Seis foram nomeados. A voz de Dom Bosco era calma. Toda vez que ele pronunciava um nome, um grito abafado do culpado podia ser ouvido ecoando em meio ao silêncio sombrio dos companheiros atônitos.

No dia seguinte, alguns foram mandados para casa. Os que tiveram permissão para ficar mudaram de vida: o “bom pai” Dom Bosco não era de fato um homem ingênuo! E exceções desse tipo confirmam a regra de sua “Boa Noite”.

A chave para a moralidade

Não foi à toa que, um dia, em 1875, Dom Bosco, diante daqueles que se espantavam com o fato de o Oratório não ter certos distúrbios de que se queixavam os outros colégios, enumerou os segredos postos em ação em Valdocco e, entre eles, destacou o seguinte: *“Um poderoso meio de persuasão para o bem é dirigir duas palavras confidenciais aos jovens todas as noites depois das orações. Isso corta a raiz dos distúrbios antes mesmo que elas surjam”* (MB XI, 222 – MBp XI, 175).

E em seu precioso documento *O Sistema Preventivo na Educação dos Jovens*, ele deixou escrito que a *“Boa Noite”* do Diretor da Casa poderia se tornar *“a chave da moralidade, do bom andamento e do êxito na educação”* (Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales, p. 274).

Dom Bosco fazia com que seus jovens vivessem o dia entre dois momentos solenes, mesmo que fossem muito diferentes: pela manhã, a Eucaristia, para que o dia não apagasse o ardor juvenil; à noite, as orações e a *“Boa noite”*, para que, antes de dormir, refletissem sobre os valores que iluminariam a noite.

O P. Rinaldi nos Becchi

O beato dom Filippo Rinaldi, terceiro sucessor de dom Bosco, é lembrado como uma figura extraordinária, capaz de unir em si as qualidades de Superior e Pai, insigne mestre de espiritualidade, pedagogia e vida social, além de guia espiritual incomparável. Sua profunda admiração por dom Bosco, que teve o privilégio de conhecer pessoalmente, o tornou um testemunho vivo do carisma do fundador. Consciente da importância espiritual dos lugares ligados à infância de dom Bosco, dom Rinaldi dedicou atenção especial a visitá-los, reconhecendo seu valor simbólico e formativo. Neste artigo,

revisitamos algumas de suas visitas ao Colle Don Bosco, à descoberta do laço especial que o unia a esses lugares sagrados.

Para o pequeno santuário de Maria Auxiliadora

Com a inauguração do pequeno santuário de Maria Auxiliadora, desejado em frente à Casinha de Dom Bosco pelo P. Paulo Álbera, e precisamente a partir de 2 de agosto de 1918, quando Dom Morganti, Arcebispo de Ravena, assistido pelos nossos Superiores Maiores, abençoou solenemente a igreja e os sinos, teve início a presença permanente dos salesianos nos Becchi. Naquele dia, o padre Filipe Rinaldi, Prefeito Geral, também estava presente, e com ele o P. Francisco Cottrino, primeiro diretor da nova casa.

A partir de então, as visitas do P. Rinaldi aos Becchi se renovaram a cada ano em um ritmo constante, uma verdadeira expressão de seu grande afeto pelo bom pai Dom Bosco e de seu grande interesse na aquisição e no arranjo adequado dos lugares memoráveis da infância do Santo.

A partir da escassa crônica da casa salesiana dos Becchi, é fácil deduzir o cuidado e o amor com que o P. Rinaldi promoveu e acompanhou pessoalmente o trabalho necessário para honrar Dom Bosco e servir adequadamente aos peregrinos.

Assim, em 1918, o P. Rinaldi, depois de ir aos Becchi para a bênção da igreja, voltou para lá em 6 de outubro, junto com o Card. Cagliero para a Festa do Santo Rosário, e aproveitou a oportunidade para iniciar as negociações para a compra da Casa Cavallo, atrás da casa de Dom Bosco.

Cuidados com a obra da casinha

Em 1919, o padre Rinaldi fez duas visitas aos Becchi: uma em 2 de junho e outra em 28 de setembro, ambas em vista do trabalho de restauração a ser realizado na área histórica da Colina.

Houve três visitas em 1920: a de 16 e 17 de junho,

para negociar a compra da casa Graglia e do prado dos irmãos Bechis; a de 11 de setembro, para visitar as obras e a propriedade Graglia; e, finalmente, a de 13 do mesmo mês, para assistir à redação do instrumento notarial para a compra da mesma casa Graglia.

Em 1921, houve duas visitas: em 16 de março, com o Arquiteto Valotti, para o projeto de uma estrada que levasse ao Santuário e de um Pilar e um Galpão para os peregrinos na pracinha; em 12-13 de setembro, com o Arquiteto Valotti e o Cavalheiro Melle, para o mesmo fim.

Em 1922, o P. Rinaldi esteve novamente nos Becchi por duas vezes: em 4 de maio, com o Card. Cagliero, P. Ricaldone, P. Conelli e todos os membros do Capítulo Geral (inclusive os bispos salesianos), para rezar na Casinha depois de sua eleição como Reitor-Mor; e em 28 de setembro com seus colaboradores mais próximos.

Em seguida, em 10 de junho de 1923, chegou à Casinha para celebrar a festa de Maria Auxiliadora. Ele presidiu as Vésperas no santuário, fez o sermão e deu a bênção eucarística. Na Academia que se seguiu, ele apresentou a Cruz "Pro Ecclesia et Pontifice" [pela Igreja e o Papa] ao Sr. João Febbraro, nosso benfeitor. Em outubro, ele voltou ao local com o Card. João Cagliero para a festa do Santo Rosário, celebrando a missa às 7h da manhã e levando o Santíssimo Sacramento na procissão eucarística, que foi seguida pela bênção dada pelo Cardeal.

Em 7 de setembro de 1924, o P. Rinaldi liderou a Peregrinação dos Pais de Família e Ex-alunos das Casas de Turim aos Becchi. Ele celebrou a Santa Missa, fez o sermão e, depois do café da manhã, participou do concerto organizado para a ocasião. Ele retornou novamente em 22 de outubro do mesmo ano, juntamente com o P. Ricaldone, o Sr. Valotti e o Sr. Barberis, para resolver a espinhosa questão da estrada para o santuário, que envolvia dificuldades por parte dos proprietários de terras adjacentes.

Dom Rinaldi esteve nos Becchi três vezes em 1925: em 21 de maio, para o descerramento da placa a Dom Bosco, e

depois em 23 de julho e 19 de setembro, acompanhado novamente pelo Card. Cagliero.

Em 13 de maio de 1926, o padre Rinaldi guiou uma peregrinação de cerca de 200 sócios da União dos Professores de Dom Bosco, celebrando a missa e presidindo a reunião. Em 24 de julho do mesmo ano, retornou, junto com todo o Capítulo Superior, para liderar a peregrinação dos Diretores das Casas da Europa; e novamente em 28 de agosto, com o Capítulo Superior e os Diretores das Casas da Itália.

Reestruturação do centro histórico

Três outras visitas do P. Rinaldi aos Becchi datam de 1927: a de 30 de maio, com o P. Giraudi e o Sr. Valotti, para definir os trabalhos de edificação (construção do pórtico etc.); a de 30 de agosto, com o P. Tirone e os diretores dos oratórios festivos; e a de 10 de outubro, com o P. Tirone e os jovens missionários de Ivrea. Nessa última ocasião, o P. Rinaldi pediu ao diretor da época, P. Fracchia, que colocasse plantas atrás da casa Graglia e no prado do Sonho,

Em 1928 o P. Rinaldi esteve nos quatro vezes nos Becchi: – Em 12 de abril, com o P. Ricaldone, para um exame do trabalho realizado e em andamento. – Nos dias 9 e 10 de junho, com P. Candela e P. V. Bettazzi, para a festa de Maria Auxiliadora e para a inauguração do Pilar do Sonho. Nessa ocasião, cantou a Santa Missa e, após as Vésperas e a Bênção Eucarística da tarde, abençoou o Pilar do Sonho e o novo Pórtico, dirigindo sua palavra a todos da varanda. À noite, participou da iluminação. – Em 30 de setembro, foi com o P. Ricaldone e o P. Giraudi visitar a localidade de “Gaj”. – Em 8 de outubro, voltou à frente da peregrinação anual dos jovens missionários de Ivrea. Foi nesse ano que o P. Rinaldi expressou seu desejo de comprar a casa de campo de Damevino para usá-la como alojamento para os peregrinos ou, melhor ainda, para cedê-la aos aspirantes a missionários dos Filhos de Maria.

Foram seis as visitas aos Becchi em 1929: – A primeira, em 10 de março, com o P. Ricaldone, foi para visitar

a casa Damevino e a casa Graglia (a primeira das quais foi comprada naquele mesmo ano). Como a beatificação de Dom Bosco era iminente, o padre Rinaldi também queria que um pequeno altar ao Beato fosse colocado na cozinha da Casinha (o que foi feito mais tarde, em 1931). – A segunda, em 2 de maio, foi também uma visita de estudo, com o P. Giraudi, o Sr. Valotti e o pintor, Prof. Guglielmino. – A terceira, em 26 de maio, foi para participar da festa de Maria Auxiliadora. – A quarta, em 16 de junho, foi com o Capítulo Superior e todos os membros do Capítulo Geral para a festa de Dom Bosco. – A quinta, em 27 de julho, foi uma breve visita ao P. Tirone e a Dom Massa. – A sexta, finalmente, foi com Dom Mederlet e os jovens missionários da Casa de Ivrea, pelos quais o P. Rinaldi não escondia suas predileções.

Em 1930, o P. Rinaldi foi mais duas vezes aos Becchi: em 26 de junho, para uma breve visita de reconhecimento das várias localidades; e em 6 de agosto, com o P. Ricaldone, o Sr. Valotti e o Cav. Sartorio, para procurar água (que o P. Ricaldone encontrou em dois lugares, a 14 e 11 metros da fonte chamada Bacolla).

Em 1931, ano de sua morte em 5 de dezembro, o padre Rinaldi foi aos Becchi pelo menos três vezes: em 19 de julho, à tarde. Naquela ocasião, ele recomendou que se fizesse a comemoração de Dom Bosco no dia 16 de cada mês ou no domingo seguinte. No dia 16 de setembro, quando aprovou e elogiou o campo esportivo preparado para os jovens da Comunidade. Em 25 de setembro, e foi a última, quando, com o P. Giraudi e o Sr. Valotti, examinou o projeto das árvores a serem plantadas na área (será executado mais tarde, em 1990, quando começou a realização do projeto de arborização de 3000 plantas nos vários lados do Colle dei Becchi, exatamente no ano de sua beatificação).

Sem contar as visitas anteriores, portanto, são 41 as visitas feitas pelo padre Rinaldi aos Becchi entre 1918 e 1931.

Dom Bosco e a música

Para a educação de seus jovens, Dom Bosco fazia grande uso da música. Desde menino, ele gostava de cantar. Como tinha uma bela voz, o Sr. João Roberto, chefe dos cantores da paróquia, ensinou-lhe a cantar. Em poucos meses, João pôde fazer parte da cantoria e executar peças musicais com excelentes resultados. Ao mesmo tempo, começou a aprender a espineta, que era um instrumento de cordas dedilhadas com teclado, e também o violino (cf. MBp I, 190).

Sacerdote em Turim, atuou como professor de música para seus primeiros oratorianos, formando gradualmente verdadeiros corais que atraíam a simpatia dos ouvintes com seus cantos.

Após a abertura do internato, ele iniciou uma escola de canto gregoriano e, com o tempo, também levou seus jovens cantores a igrejas da cidade e fora de Turim para apresentar seu repertório.

Ele mesmo compôs cânticos sacros, como aquele para o Menino Jesus, *“Ah, se cante em som do júbilo...”*. Ele também encaminhou alguns de seus discípulos ao estudo da música, entre eles o P. João Cagliero, que mais tarde se tornou famoso por suas criações musicais, conquistando a estima dos especialistas. Em 1855, Dom Bosco organizou a primeira banda instrumental no Oratório.

No entanto, Dom Bosco não agia impensadamente! Já na década de 1860, ele incluiu num Regulamento um capítulo sobre escolas noturnas de música, no qual dizia, entre outras coisas:

“De cada aluno de música se exige a promessa formal de não ir cantar ou tocar nos teatros públicos, nem em outras diversões em que se possam comprometer a religião e os bons costumes” (MBp VII, 888).

A Música dos meninos

A um religioso francês que havia fundado um Oratório festivo e que lhe perguntou se era apropriado ensinar música aos meninos, ele respondeu: *“Um Oratório sem música é um corpo sem alma!”*(MBp V, 300).

Dom Bosco falava francês bastante bem, embora com certa liberdade gramatical e de expressão. Nesse sentido, uma de suas respostas sobre a música dos meninos ficou famosa. O P. Mendre, vigário paroquial de São José em Marselha, lhe dedicava grande afeto. Um dia, estava sentado ao seu lado durante uma academia no Oratório de São Leão. Os pequenos músicos de vez em quando desafinavam. O Padre, que era bom conhecedor da música, se irritava e reclamava de cada desafinada. Dom Bosco sussurrou-lhe ao ouvido, com o seu francês: *“Monsieur Mendre, la musique de les enfants elle s’écoute avec le coeur et non avec les oreilles”* (Senhor P. Mendre, a música dos jovens deve ser ouvida com o coração e não com os ouvidos). Mais tarde, o padre recordou essa resposta inúmeras vezes, revelando a sabedoria e a bondade de Dom Bosco (cf. MBp XV, 76, n.2).

Tudo isso não significa, porém, que Dom Bosco colocava a música acima da disciplina no Oratório. Ele era sempre amável, mas não ignorava facilmente as faltas de obediência. Durante alguns anos, ele permitiu que os jovens membros da banda saíssem para passear e almoçar no campo na festa de Santa Cecília. Mas em 1859, devido a incidentes, ele começou a proibir esse tipo de entretenimento. Os jovens não protestaram abertamente, mas metade deles, incitados por um líder que lhes havia prometido obter permissão de Dom Bosco, e esperando impunidade, decidiu deixar o Oratório de qualquer maneira e organizar um almoço por conta própria antes da festa de Santa Cecília. Eles tomaram essa decisão pensando que Dom Bosco não perceberia e não tomaria providências. Assim, nos últimos dias de outubro, foram almoçar em um restaurante próximo. Depois do almoço, voltaram a passear pela cidade e, à noite, jantaram no mesmo lugar, retornando a Valdocco meio bêbados, já tarde da noite. Somente o Sr. Buzzetti, convidado

no último momento, recusou-se a se juntar àqueles desobedientes e advertiu Dom Bosco. Este, calmamente, declarou a banda dissolvida e ordenou a Buzzetti que recolhesse e trancasse todos os instrumentos e pensasse em novos alunos para iniciar a música instrumental. Na manhã seguinte, ele mandou chamar todos os músicos indisciplinados, um por um, lamentando a cada um deles o fato de o terem forçado a ser muito rigoroso. Em seguida, mandou-os de volta para seus parentes ou responsáveis, recomendando alguns mais necessitados para as oficinas da cidade. Apenas um desses meninos travessos foi aceito mais tarde, porque o P. Rua assegurou a Dom Bosco que ele era um menino inexperiente que se deixara enganar por seus companheiros. E Dom Bosco o manteve sob vigilância por algum tempo!

Mas com as tristezas não se deve esquecer as consolações. O dia 9 de junho de 1868 foi uma data memorável na vida de Dom Bosco e na história da Congregação. A nova Igreja de Maria Auxiliadora, que ele havia construído com imensos sacrifícios, foi finalmente consagrada. Aqueles que estavam presentes nas celebrações solenes ficaram profundamente comovidos. Uma multidão transbordante lotou a bela igreja de Dom Bosco. O arcebispo de Turim, Dom Riccardi, realizou o rito solene da consagração. No ofício da tarde do dia seguinte, durante as Vésperas solenes, o coral de Valdocco entoou a grande antífona musicada pelo P. Cagliero: *Sancta Maria succurre miseris [Santa Maria, socorrei os pobres]*. A multidão de fiéis ficou emocionada. Três poderosos corais a executaram com perfeição. Cento e cinquenta tenores e baixos cantavam na nave perto do altar de São José, duzentos sopranos e contraltos estavam no alto, ao longo da grade sob a cúpula, e um terceiro coro, formado por outros cem tenores e baixos, estava na orquestra que dava vista para os fundos da igreja. Os três corais, conectados por um dispositivo elétrico, mantinham a sincronia ao comando do maestro. O biógrafo, presente na apresentação, escreveu mais tarde:

“No instante em que todos os corais se uniam numa única harmonia, sentiu-se uma espécie de encanto. As vozes se

juntaram, e o eco as levava em todas as direções, assim que o ouvinte se sentia como que imergido num mar de vozes, que o circundavam sem poder distinguir como e de onde vinham”. As exclamações que se ouviam então indicavam como todos se sentiam subjugados por tão grande maestria. O próprio Dom Bosco não conseguia conter sua intensa emoção. E ele, que nunca na igreja, durante a oração, se permitia dizer uma palavra, voltou os olhos úmidos de lágrimas para um cônego amigo seu e em voz baixa lhe disse: “Caro Anfossi, não lhe parece estar no Paraíso?” (MBp IX, 296).

Onde nasceu Dom Bosco?

No primeiro aniversário da morte de Dom Bosco, seus Antigos Alunos quiseram continuar a celebrar a Festa do Reconhecimento, como faziam todos os anos no dia 24 de junho, organizando-a para o novo Reitor-Mor, Padre Rua.

Em 23 de junho de 1889, depois de colocar uma placa na Cripta de Valsalice, onde Dom Bosco estava sepultado, celebraram a festa do Padre Rua em Valdocco no dia 24.

O professor Alessandro Fabre, ex-aluno de 1858-66, tomou a palavra e disse, entre outras coisas:

“Caríssimo P. Rua, o senhor não ficará desapontado ao saber que decidimos acrescentar, como apêndice, a inauguração, no próximo dia 15 de agosto, de outra placa, cuja encomenda já foi feita e cujo desenho está reproduzido aqui, e *que colocaremos na casa onde nasceu e viveu por muitos anos o nosso querido Dom Bosco*, para que fique assinalado, para os contemporâneos e para a posteridade, o lugar em que, em primeiro lugar, palpitou o coração daquele grande homem que mais tarde encheria a Europa e o mundo com seu nome, suas virtudes e suas admiráveis instituições”.

Como se pode ver, a intenção dos Antigos Alunos

era colocar uma placa na “Casetta” dos Becchi, considerada por todos como o local de nascimento de Dom Bosco, porque ele sempre a indicou como sua casa. Mas depois, encontrando a “Casetta” em ruínas, foram induzidos a retocar o rascunho da inscrição e colocar a placa na casa vizinha de José com a seguinte redação ditada pelo próprio Prof. Fabre: “Em 11 de agosto, poucos dias antes do aniversário de Dom Bosco, os Antigos Alunos foram aos Becchi para descerrar a placa. O Teól. Félix Reviglio, Cura de Santo Agostinho, um dos primeiros alunos de Dom Bosco, fez o discurso na ocasião. Falando sobre a Pequena Casa, ele disse: “A mesma casa perto daqui, onde ele nasceu, que está quase completamente arruinada...” é “um verdadeiro monumento à pobreza evangélica de Dom Bosco”.

A “*ruína completa*” da “Casetta” já havia sido mencionada no Boletim Salesiano em março de 1887 (BS 1887, março, p. 31), e o P. Reviglio e a inscrição na placa (“*uma casa agora demolida*”) estavam evidentemente falando dessa situação. A inscrição cobria tristemente o fato desagradável de que a “Casetta”, que ainda não era propriedade salesiana, parecia já inexoravelmente perdida.

Mas o P. Rua não desistiu e, em 1901, ofereceu-se para restaurá-la às custas dos salesianos, na esperança de obtê-la mais tarde dos herdeiros de Antônio e José Bosco, como aconteceu em 1919 e 1926, respectivamente.

Quando o trabalho foi concluído, uma placa foi colocada na “Casetta” com a seguinte inscrição: NESTA HUMILDE CASINHA, AGORA PIEDOSAMENTE restaurada, nasceu o p. João Bosco em 16 de agosto de 1815.

Em seguida, a inscrição na casa de José também foi corrigida da seguinte forma: “*Nascido aqui perto em uma casa agora restaurada... etc.*”, e a placa foi devidamente substituída.

Depois, quando o centenário do nascimento de Dom Bosco foi celebrado em 1915, o Boletim publicou a foto da “Casetta”, especificando: “E aquela onde nasceu o Venerável João Bosco em 16 de agosto de 1815, foi salva da ruína à qual

a voracidade do tempo a condenou, com uma restauração geral no ano de 1901”.

Na década de 1970, as pesquisas de arquivo realizadas pelo Comendador Segundo Caselle convenceu os salesianos de que Dom Bosco havia de fato vivido de 1817 a 1831 naquela “Casetta”, comprada por seu pai, portanto *sua casa*, como ele sempre disse; mas que havia nascido na propriedade Biglione, onde seu pai era agricultor; e viveu aí com a família até a morte, em 11 de maio de 1817, no alto da colina onde hoje se encontra o Templo de São João Bosco.

A placa na casa de José foi alterada, enquanto a placa na “Casetta” foi substituída pela atual inscrição em mármore: ESTA É A MINHA CASA. DOM BOSCO.

Permanece assim inconsistente a opinião recentemente expressa de que os Antigos Alunos, em 1889, com as palavras: “*Nascido perto daqui em uma casa agora demolida*” não pretendiam falar da Pequena Casa dos Becchi.

Os nomes de lugares dos Becchi

A família Bosco morava em propriedade Biglione quando João nasceu?

Alguns disseram que é permitido duvidar disso, porque é quase certo que eles moravam em outra casa de propriedade de Biglione em “*Meinito*”. A prova disso seria o Testamento de Francisco Bosco, redigido pelo notário C. G. Montalenti em 8 de maio. G. Montalenti, em 8 de maio de 1817, onde se lê: “... *na casa do Senhor Biglione, habitada pelo abaixo-assinado testador na região do Monastero, no vilarejo de Meinito...*”. (S. CASELLE, *Cascinali e Contadini del Monferrato: i Bosco di Chieri nel secolo XVIII*, Roma, LAS, 1975, p. 94).

O que pode ser dito sobre essa opinião?

Hoje, “*Meinito*” (ou “*Mainito*”) é apenas o local de uma propriedade rural situada ao sul do “Colle Don Bosco”, além da estrada provincial que vai de Castelnuovo em direção a Capriglio; porém, tempos atrás indicava um território mais extenso, contíguo àquele chamado *Sbaraneo* (ou *Sbaruau*). E

Sbaraneo não era outra coisa senão o vale a leste do “Colle”.

“*Monastero*”, portanto, não correspondia apenas à atual área arborizada perto de Mainito, mas cobria uma vasta área, de Mainito a Barosca, tanto que a mesma “Casetta” dos Becchi foi registrada em 1817 como “*região de Cavallo, Monastero*” (S. CASELLE, o. c., p. 96).

Quando ainda não havia mapas com lotes numerados, as propriedades e lotes eram identificados com base em nomes de lugares ou *topônimos*, derivados de sobrenomes de famílias antigas ou características geográficas e históricas.

Serviam como pontos de referência, mas não correspondiam ao significado atual de “região” ou “vilarejo”, exceto de forma muito aproximada, e eram usados com muita liberdade de escolha pelos notários.

O mapa mais antigo de Castelnovese, preservado nos arquivos municipais e gentilmente disponibilizado para nós, data de 1742 e é chamado de “Mapa Napoleônico”, provavelmente devido ao seu maior uso durante a ocupação francesa. Um extrato desse mapa, editado em 1978 com elaboração fotográfica do texto original pelos Senhores Polato e Occhiena, que compararam os documentos do arquivo com os lotes numerados no Mapa Napoleônico, fornece uma indicação de todas as terras pertencentes à família Biglione desde 1773 e trabalhadas pela família Bosco de 1793 a 1817. A partir desse “Extrato”, parece que a família Biglione não possuía nenhuma terra ou casa em Mainito. Por outro lado, nenhum outro documento foi encontrado até o momento que prove o contrário.

Então, que significado podem ter as palavras “*na casa do Sr. Biglione... na região de Monastero, no vilarejo de Meinito*”?

Em primeiro lugar, é bom saber que, apenas nove dias depois, o mesmo notário que redigiu o testamento de Francisco Bosco escreveu no inventário de sua herança: “... na casa do senhor Jacinto Biglione, habitada pelos meninos citados abaixo [filhos de Francisco] na *região de Meinito*...”. (S. CASELLE, o. c., p. 96), promovendo assim Mainito de “vilarejo” para “região” em apenas alguns dias. Além disso, é

curioso notar que até a mesma propriedade Biglione, em diferentes documentos, aparece em *Sbaconatto*, em *Sbaraneo* ou *Monastero*, em *Castellero*, e assim por diante.

Então, como podemos entender isso? Levando tudo em conta, não é difícil perceber que é sempre a mesma área, o *Monastero*, que em seu centro tinha *Sbaconatto* e *Castellero*, a leste o *Sbaraneo* e ao sul o *Mainito*. O notário Montalenti escolheu “Meinito”, enquanto outros escolheram “Sbaraneo” ou “Sbaconatto” ou “Castellero”. Mas o local e a casa eram sempre os mesmos!

Sabemos, além disso, que o Sr. e a Sra. Damevino, donos da propriedade Biglione de 1845 a 1929, também possuíam outras propriedades, em *Scajota* e *Barosca*; mas, como nos asseguram os anciãos locais, eles nunca tiveram casas em *Mainito*. No entanto, eles compraram as propriedades que a família Biglione havia vendido ao Sr. José Chiardi em 1818.

Só resta concluir que o documento redigido pelo notário Montalenti em 8 de maio de 1817, mesmo que não contenha erros, refere-se à propriedade Biglione propriamente dita, onde Dom Bosco nasceu em 16 de agosto de 1815, onde seu pai morreu em 11 de maio de 1817 e onde foi construído o grandioso Templo de São João Bosco em nossos dias.

A existência, finalmente, de uma casa fictícia em Biglione, habitada pela família Bosco em *Mainito* e depois demolida não se sabe quando, por quem ou por qual motivo antes de 1889, como alguns especularam, não tem (pelo menos até agora) nenhuma evidência real a seu favor. Os próprios Antigos Alunos, quando colocaram na placa dos *Becchi* as palavras “*Nascido aqui perto...*” (veja nosso artigo de janeiro), eles certamente não poderiam estar se referindo a *Mainito*, que fica a mais de um quilômetro da casa de José!

Propriedades, administradores e meeiros

Francisco Bosco, administrador da propriedade Biglione, desejando montar seu próprio negócio, comprou terras e a casa dos *Becchi*, mas a morte o levou repentinamente em 11 de maio de 1817, antes que pudesse pagar todas as suas

dívidas. Em novembro, sua viúva, Margarida Occhiena, mudou-se com os filhos e a sogra para a “Casetta”, que havia sido reformada para esse fim. Até então, essa “Casetta”, já contratada por seu marido desde 1815, mas ainda não paga, consistia apenas em “*uma crotta e um estábulo adjacente, cobertos com telhas, em más condições*” (S. CASELLE, *Cascinali e contadini [...]*, p. 96-97) e, portanto, inabitável para uma família de cinco pessoas, com animais e ferramentas. Em fevereiro de 1817, a escritura pública de venda havia sido lavrada, mas a dívida ainda estava pendente. Margarida teve que resolver a situação como guardiã de Antônio, José e João Bosco, na época pequenos proprietários nos Becchi.

Não era a primeira vez que a família Bosco passava do status de administradores para o de pequenos proprietários e vice-versa. O falecido Comendador Segundo Caselle nos forneceu ampla documentação sobre isso.

O trisavô de Dom Bosco, João Pedro, antes *administrador* na *Cascina Croce di Pane*, entre Chieri e Andezeno, de propriedade dos Padres Barnabitas, em 1724 tornou-se *administrador* na *Cascina de São Silvestre*, perto de Chieri, pertencente à Paróquia de São Jorge. E que ele morava mesmo na Propriedade de São Silvestre com sua família está documentado nos “Registros do Sal” de 1724. Seu sobrinho, Filipe Antônio, órfão de pai e acolhido pelo filho mais velho de João Pedro, João Francisco Bosco, foi adotado por um tio-avô, de quem herdou uma casa, um jardim e 2 hectares de terra em Castelnuovo. Mas, devido à situação econômica crítica em que se encontrava, teve que vender a casa e a maior parte de suas terras e se mudar com a família para o vilarejo de Morialdo, como *administrador* de *Cascina Biglione*, onde morreu em 1802.

Paulo, seu filho primogênito, tornou-se assim o chefe da família e o administrador, conforme registrado no censo de 1804. Mas, alguns anos depois, ele deixou a fazenda para seu meio-irmão Francisco e foi se estabelecer em Castelnuovo, após receber sua parte da herança e realizar a compra e venda. Foi então que Francisco Bosco, filho de Filipe

Antônio e Margarida Zucca, tornou-se *administrador de Cascina Biglione*.

O que se entendia naquela época por “cascina”, “massaro” e “meeiro”?

A palavra “cascina” (em piemontês: *cassin-a*) indica em si uma casa do colono ou toda a propriedade agrícola; mas nos lugares de que estamos falando, a ênfase estava na casa, ou seja, a construção da propriedade usada em parte como moradia e em parte como abrigo para o gado etc. O “massaro” (em piemontês: *massé*) em si é o inquilino da fazenda e dos lotes, enquanto o “mezzadro” (em piemontês: *masoé*) é apenas o cultivador da terra de um senhor com quem ele compartilha as colheitas. Mas, na prática, nesses lugares o massaro também era meeiro e vice-versa, de modo que a palavra *massé* não era muito usada, enquanto *masoé* geralmente indicava também o massaro.

O Sr. e a Sra. Damevino, proprietários de Cascina “*Bion*” ou Biglione em Castellero de 1845 a 1929, também possuíam outras propriedades, em *Scajota* e *Barosca*, e, como nos garantiu o Sr. Angelo Agagliate, tinham cinco “massari” ou meeiros, um na priedade Biglione, dois em Scajota e dois em Barosca. Naturalmente, os vários “*massari*” viviam em suas propriedades.

Ora, se um agricultor era um “massaro”, por exemplo, em Cascina Scajota, de propriedade da família Damevino, ele não era chamado de “morador na casa Damevino”, mas simplesmente “em Scajota”. Se Francisco Bosco tivesse morado na suposta casa de Biglione em Mainito, não se diria, portanto, que ele morava “na casa do Sr. Biglione”, mesmo que essa casa pertencesse à família Biglione. Se o tabelião escreveu: “Na casa do senhor Biglione, habitada pelo testador abaixo-assinado”, é sinal de que Francesco vivia com a família na propriedade Biglione propriamente dita.

E isso é mais uma confirmação dos artigos anteriores que refutam a hipótese do nascimento de Dom Bosco em Mainito “*em uma casa agora demolida*”.

Em conclusão, não se pode dar importância

exclusiva ao significado literal de certas expressões, mas deve-se examinar seu verdadeiro significado no uso local da época. Em estudos desse tipo, o trabalho do pesquisador local é complementar ao do historiador acadêmico e particularmente importante, porque o primeiro, auxiliado pelo conhecimento detalhado da área, pode fornecer ao segundo o material necessário para suas conclusões gerais e evitar interpretações errôneas.

Dom Bosco e “a Consolata”

O pilar mais antigo da área de Becchi parece datar de 1700. Foi erguido na parte inferior da planície em direção ao “Mainito”, onde as famílias que viviam na antiga “Scaiota” costumavam se encontrar. Depois, tornou-se uma propriedade rural salesiana, que agora foi reformada e convertida em uma casa para jovens que recebe grupos de jovens peregrinos do Templo e da Casa Dom Bosco.

Este é o pilar da Consolata, com uma estátua da Virgem Consoladora dos Aflitos, sempre homenageada com flores do campo trazidas pelos devotos. João Bosco deve ter passado muitas vezes por esse pilar, tirando o chapéu e murmurando uma Ave Maria, como sua mãe lhe ensinara.

Em 1958, os salesianos restauraram o velho pilar e, com uma solene função religiosa, inauguraram-no para um renovado culto da comunidade e da população, conforme registrado na Crônica daquele ano, mantida nos arquivos do Instituto “Bernardi Semeria”.

Aquela estátua da Consolata poderia, portanto, ser a primeira imagem de Maria Santíssima que Dom Bosco venerou em sua infância, perto de sua casa.

Na “Consolata” em Turim

Já como estudante e seminarista em Chieri, Dom Bosco deve ter ido a Turim para venerar a Virgem Consoladora (MB I, 267-68 – MBp I, 217). Mas é certo que, como neossacerdote, celebrou sua segunda Santa Missa precisamente no Santuário da Consolata, como ele mesmo escreveu: “para agradecer à excelsa Virgem Maria os incontáveis favores que me havia alcançado de seu divino Filho Jesus” (MO 115 – MOp 112).

Nos dias do Oratório errante, sem residência fixa, Dom Bosco ia com seus meninos a alguma igreja de Turim para a missa dominical e, na maioria das vezes, iam à Consolata (MB II, 248; 346 – MBp II, 215; 295).

No mês de maio de 1846-47, para agradecer à Virgem Consoladora por ter-lhes dado, finalmente, um lar estável, ele levou seus jovens até lá para fazer a Sagrada Comunhão, enquanto os bons Padres Oblatos da Virgem Maria, que oficiavam no Santuário, se prestavam a ouvir suas confissões (MB II, 430 – MBp II, 363).

Quando, no verão de 1846, Dom Bosco adoeceu gravemente, seus filhos não só demonstraram sua dor em lágrimas, mas, temendo que os meios humanos não fossem suficientes para sua recuperação, eles se revezavam de manhã à noite no Santuário da Consolata para rezar a Maria Santíssima para preservar a saúde de seu amigo e pai.

Houve até quem fizesse votos infantis e quem jejuasse a pão e água para que Nossa Senhora os ouvisse. Eles foram ouvidos e Dom Bosco prometeu a Deus que até seu último suspiro seria para eles.

As visitas de Dom Bosco e de seus filhos à Consolata continuaram. Convidado uma vez para cantar uma missa no santuário com seus jovens, ele chegou na hora marcada com a improvisada “Schola cantorum”, trazendo consigo a partitura de uma “missa” que havia composto para a ocasião.

O organista do santuário era o famoso maestro Bodoira, que Dom Bosco convidou para tocar o órgão. Este nem sequer deu uma olhada na partitura de Dom Bosco, mas quando estava prestes a tocar a música, não entendeu nada dela e, deixando o posto de organista com raiva, foi embora.

Dom Bosco, então, sentou-se ao órgão e acompanhou a missa seguindo sua composição repleta de sinais que só ele podia entender. Os jovens, que antes se perdiam com as notas do famoso organista, continuaram até o fim sem desafinar, e suas vozes argentinas atraíram a admiração e a simpatia de todos os fiéis presentes à missa (MB III, 148 – MBp III, 119).

De 1848 a 1854, Dom Bosco acompanhou seus meninos em procissão pelas ruas de Turim até a Consolata. Seus jovens cantavam louvores à Virgem ao longo do caminho e depois participavam da Santa Missa que ele celebrava.

Quando Mamãe Margarida morreu, em 25 de novembro de 1856, Dom Bosco foi naquela manhã celebrar a Santa Missa de sufrágio na capela subterrânea do Santuário da Consolata, parando para rezar longamente diante da imagem de Maria Consoladora, implorando que fosse mãe para ele e seus filhos. E Maria atendeu suas preces (MB V, 566 – MBp V, 484).

No Santuário da Consolata, Dom Bosco não só teve a oportunidade de celebrar a Santa Missa várias vezes, mas um dia também quis servi-la. Ao entrar no santuário para fazer uma visita, ouviu o sinal para o início da missa e percebeu que o ministro não estava presente. Levantou-se, foi até a sacristia, pegou o missal e serviu a missa com devoção (MB VII, 86 – MBp VII, 109-110).

E a presença de Dom Bosco no Santuário nunca cessou, especialmente por ocasião da Novena e da Festa da Consolata.

Estatueta da Consolata na Capela Pinardi

Em 2 de setembro de 1847, Dom Bosco comprou, pelo preço de 27 liras, uma estatueta de Maria Consoladora, colocando-a na Capela Pinardi.

Em 1856, quando a capela estava sendo demolida, o P. Francisco Giacomelli, companheiro de seminário e grande amigo de Dom Bosco, desejando guardar para si o que ele chamava de monumento mais ilustre da fundação do Oratório, levou a estatueta para Avigliana, para sua casa paterna.

Em 1882, sua irmã mandou construir um pilar com um

nicho na casa e colocou ali a preciosa relíquia.

Quando os salesianos souberam da existência da coluna em Avigliana, após a extinção da família Giacomelli, conseguiram recuperar a antiga estatueta que, em 12 de abril de 1929, retornou ao Oratório de Turim, depois de 73 anos desde o dia em que o P. Giacomelli a havia retirado da primeira capela (E. GIRAUDI, L'Oratorio di Don Bosco, Torino, SEI, 1935, p. 89-90).

Hoje, a pequena estátua histórica é a única lembrança do passado na nova Capela Pinardi, constituindo seu tesouro mais caro e precioso.

Dom Bosco, que difundiu o culto a Maria Auxiliadora em todo o mundo, nunca esqueceu sua primeira devoção à Virgem, venerada desde a infância na coluna dos Becchi, sob a efígie da "Consolata". Quando chegou a Turim como jovem sacerdote diocesano, durante o período heroico do seu "Oratório", foi da Virgem Consoladora, no seu Santuário, que tirou luz e conselho, coragem e conforto para a missão que o Senhor lhe havia confiado.

É também por isso que ele é considerado, com razão, um dos santos de Turim.

Dom Bosco e a língua italiana

No início do século XIX, o Piemonte ainda era uma área periférica em comparação com o resto da Itália. O idioma falado era o piemontês. O italiano era usado somente em casos especiais, como se usa uma roupa em ocasiões especiais. As classes mais altas preferiam usar o francês na escrita e recorriam ao dialeto na conversação.

Em 1822, o rei Carlos Félix aprovou um regulamento para escolas com disposições especiais para o ensino da língua italiana. No entanto, essas disposições não foram muito

eficazes, especialmente devido ao método como foram aplicadas.

Portanto, não é de se surpreender que o uso correto da língua italiana também tenha custado não pouco esforço a Dom Bosco. Não é por acaso que no manuscrito de suas Memórias é fácil encontrar palavras piemontesas italianizadas ou palavras italianas usadas no sentido dialetal, como nos casos a seguir:

“Notei que [...] estava aparecendo um sfrosadore” (ASC 132 / 58A7), onde *sfrosadore* (piemontês: *sfrosador*) significa *fraudador*; e da mesma forma: *“Dom Bosco com seus filhos poderia a qualquer momento provocar uma revolução”* (ASC 132 / 58E4), onde *figli* (piemontês: *fieuj*) significa *jovens*. E assim por diante.

Se Dom Bosco pôde então escrever com propriedade de linguagem, combinada com simplicidade e clareza, isso se deve, entre outras coisas, ao uso paciente do vocabulário que lhe foi aconselhado por Sílvio Pellico (MB III, 314-315 – MBp III, 249-250).

Uma correção

Um exemplo significativo pode ser encontrado na correção de uma frase do primeiro sonho que ele descreveu em suas *Memórias*: *“Torna-te sadio, forte e robusto”*.

Dom Bosco, ao revisar o manuscrito, traçou uma linha sobre a palavra “sadio” e escreveu em seu lugar: “humilde” (ASC 132 / 57A7).

O que Dom Bosco realmente ouviu em seu sonho e por que ele mudou essa palavra? Falou-se de uma mudança de significado feita para fins didáticos, como parece ter sido o costume de Dom Bosco, às vezes, ao narrar e escrever seus sonhos. Mas não poderia ser, em vez disso, um simples esclarecimento do significado original?

Aos 9 anos de idade, Joãozinho Bosco só falava e ouvia em piemontês. Ele tinha apenas começado a estudar “*os elementos de leitura e escrita*” na escola do P. Lacqua, em Capriglio. Em casa e no vilarejo, só se usava o dialeto. Na igreja, Joãozinho ouvia o pároco ou capelão ler o Evangelho em

latim e explicá-lo em piemontês.

Portanto, é mais do que razoável supor que, em um sonho, Joãozinho ouviu tanto o *“Homem venerável”* como a *“Mulher de aspecto majestoso”* se expressarem em dialeto. As palavras que ele ouviu no sonho devem, então, ser lembradas em dialeto. Não: *“umile, forte, robusto”*, mas sim: *“san, fòrt e robust”* no sotaque local característico.

Em tais circunstâncias, esses adjetivos não poderiam ter um significado puramente literal, mas figurado. Ora, *“san”*, em sentido figurado, quer dizer:

sem defeitos, de conduta moral correta, isto é, bom (C. ZALLI, *Dizionario Piemontese-Italiano*. Carmagnola, Tip. di P. Barbié, 2. Ed. 1830, vol.

II, p. 330, usado por Dom Bosco); *“fòrt e robust”* significa *vigoroso*, isto é, dotado de resistência no sentido físico e moral (C. ZALLI, o. c., vol. I, 360; vol. II, 309).

Dom Bosco nunca mais se esquecerá desses três adjetivos *“san, fòrt e robust”* e, quando escrever suas *Memórias*, embora à primeira vista os tenha traduzido literalmente, refletindo sobre isso mais tarde, considerará mais apropriado especificar melhor o significado da primeira palavra. Aquele *san* (= bom) para um menino de 9 anos significava *obediente, dócil, não inconstante, não arrogante*; numa palavra: *“humilde”*!

Seria, portanto, um esclarecimento, não uma mudança de significado.

Confirmações dessa interpretação

Dom Bosco, ao escrever suas *Memórias*, enfatizou com franqueza os pequenos defeitos de sua infância. Duas passagens extraídas das mesmas *Memórias* confirmam esse fato.

A primeira diz respeito ao ano da sua primeira Confissão e Comunhão, para as quais Mãe Margarida havia preparado o seu filho. Dom Bosco escreveu: *“Considerarei e procurei praticar os conselhos da minha piedosa mãe; e parece-me que daquele dia em diante houve alguma melhora na minha vida, especialmente na obediência e na submissão aos outros,*

às quais eu antes sentia grande repugnância, querendo sempre fazer as minhas considerações infantis a quem me ordenava ou me dava bons conselhos” (ASC 132 / 60B5).

A outra pode ser encontrada um pouco mais adiante, onde Dom Bosco fala das dificuldades que encontrou com seu meio-irmão Antônio para entregar-se ao estudo. É um detalhe divertido para nós, mas que trai o temperamento de Antônio e o de Joãozinho. Dizem que Antonio disse-lhe um dia, vendo-o na cozinha, sentado à mesa, todo concentrado em seus livros: *“Quero acabar com essa gramática. Cresci grande e forte e nunca vi esses livros”*. E Dom Bosco acrescentou: *“Dominado naquele momento pela aflição e pela raiva, respondi o que não deveria dizer. “Você não está certo. Não sabe que o nosso burro é maior do que você e nunca foi à escola? Quer se parecer com ele?” Com essas palavras, ele ficou furioso, e foi somente com minhas pernas, que me serviam muito bem, que consegui escapar de uma chuva de golpes e pescoções” (ASC 132 / 57B5).*

Esses detalhes dão uma melhor compreensão do aviso do sonho e, ao mesmo tempo, podem explicar o motivo do “esclarecimento” linguístico mencionado acima.

Portanto, ao interpretar os manuscritos de Dom Bosco, será útil não esquecer o problema da língua, porque Dom Bosco falava e escrevia corretamente em italiano, mas a sua língua materna era aquela em que pensava.

Em Roma, no dia 8 de maio de 1887, em uma recepção em sua homenagem, quando lhe perguntaram qual era a língua de que mais gostava, ele disse: *“A língua de que mais gosto é a que minha mãe me ensinou, porque me custou pouco esforço para aprendê-la e acho mais fácil expressar minhas ideias nela, e depois não a esqueço tão facilmente quanto as outras línguas!” (MB XVIII, 325).*